

Maia e Carmo, T. (2016), Apresentação de comunicação «Cinema e Televisão: uma fusão desigual» na abertura do III Simpósio Internacional Fusões no Cinema, no âmbito do Festival Caminhos do Cinema Português, Museu da Imagem em Movimento, Leiria (<http://caminhos.info/pt/simposio/#.WERjo7KLTIU>).

Entre a Televisão e o Cinema... as relações são complexas e desiguais. A TV tem sido sempre considerada o «parente pobre». Porque é um media de massas dirigido a audiências muito vastas e indiferenciadas; porque parece gratuita... é da ordem da Aparição, materializa-se lá em casa como a Nossa Senhora de Fátima; porque mistura, ou melhor integra, uma série de linguagens díspares e diversas: a informação, o entretenimento, a publicidade e até o Cinema. Já este tem a aura de envolver uma escolha e um acto deliberado, que implica deslocarmo-nos ao escurinho da Sala, angariando assim audiências mais selectas e seguramente mais motivadas.

O facto de a Televisão ser tantas coisas ao mesmo tempo não contribui para clarificar o debate. Ela é simultaneamente um universo simbólico objecto de consumo maciço, um negócio vultuoso, um veículo publicitário, um sector de vanguarda tecnológica, um palco de confronto político, um poderoso agregador social, uma experiência individual e/ou familiar quotidiana, um prazer, um escape e uma companhia... Segundo Pedro Boucherie Mendes num texto delicioso publicado no Expresso no passado dia 21 de Novembro – Dia Mundial da Televisão – «gostemos ou não para muitos de nós ela será a mais prolongada e fiel relação que teremos na vida». É o mais globalizante dos media porque nos põe a ver todos o mesmo mais ou menos ao mesmo tempo, funcionando como a mais poderosa das redes: uma argamassa social suavemente equalizadora. Ali desfilam a feira do fumeiro e o Barca Velha que há afinal este ano, o festival da cereja do fundão e as eleições americanas, um atentado terrorista e os juros da dívida, num modo de fluxo contínuo e instantâneo, um espaço-tempo que é o verdadeiro «**lugar-comum**» contemporâneo. É do que ela passa que se falará no dia seguinte no emprego ou no café.

A velha pecha da missão educativa da televisão amainou um pouco nos últimos anos. Artistas, intelectuais e educadores deixaram de agitar a bandeira da deseducação e nivelamento por baixo, do abuso da violência e da manipulação informativa, do lado popularucho e desprezível do mais vulgar dos media. Ainda recordamos com gosto a piada de Groucho Marx, quando ironizava com a *line* que se tornou um clássico: «a Tv é muito educativa; sempre que alguém a liga, saio da sala e vou ler um livro»... Ou o sensacional momento anos oitenta, quando os Táxi proclamavam que «quem vê TV sofre mais que no WC»:

Que tremenda situação  
De quem vê muita televisão  
A não ser que queira dormir sem fim  
Então ela é melhor que Lorenin

E se falo desta maneira  
É por ela ser tão foleira  
Não transmite nada de jeito  
leva-me a taxa sem dar proveito

Quem vê TV  
Sofre mais que no WC

Na abertura o desenho animado

Logo depois o telejornal  
Mais à noite um filme ultrapassado  
E ao fim o Hino Nacional

Quando ligo o primeiro canal  
Sempre o anúncio do sabão tal  
E se mudo para o segundo  
Então é que é o fim do mundo

Quem vê TV  
Sofre mais que no WC

Digamos que a televisão tem as costas largas.

O facto, porém, é que actualmente passa também séries de ficção que apaixonam incontáveis multidões pelo planeta fora. Também por causa dela estamos todos em quase todas as partes do mundo conectado a **ver a mesma coisa**: a nova temporada da *Guerra dos Tronos*, das *Mentes Criminosas* ou do *House of Cards* (enfim, entre tantas opções). Os efeitos de colonização cultural pela língua inglesa e a hegemonia do imaginário norte-americano ou anglo-saxónico seria toda uma outra conversa.

É em termos de produção de ficção que o debate tem sido mais aceso. É também nesse território que considero ser mais interessante determo-nos. Em termos de linguagem foi durante muito tempo tido como específico do televisivo o directo (na informação) e a **pobreza da gramática visual (na ficção)**. Havia o telefilme ou o docudrama, termos ligeiramente pejorativos *per se*, em que se destacava a reduzida escala de planos, a falta de relevo e profundidade, a ligeireza dos enquadramentos e a fotografia de pechisbeque. Para não falar do conteúdo dos argumentos, mais tarde desenvolvidos em todo o seu esplendor pela indústria da telenovela, arquitectada sobre todo o tipo de estereótipos sociais e personagens ocas e sem arestas. O tempo e o cuidado do cinema era – e é – outro; em termos técnicos (a fotografia cuidada, a *découpage*, a realização) e formais. Muitos actores de renome do Cinema e do Teatro recusavam-se a «descer» à televisão.

Contudo, a partir dos anos 70 e 80 do século XX começa a dar-se um fenómeno de inversão de tendência. O outrora mais popular dos espectáculos (o cinema das *penny arcades*) foi perdendo terreno. As salas de cinema foram encolhendo e as televisões foram esticando. O Cinema passou a olhar para a televisão como um filão, em vários sentidos: como motivo inspirador nos conteúdos e como precioso multiplicador na distribuição. A televisão torna-se muito interessante para a indústria do cinema. A estrutura de amortização de uma longa-metragem norte americana na década de 80 passou a contar com a TV de forma decisiva e «no final dos anos 80 a tv francesa co-produzia praticamente um terço dos filmes franceses» (cf. Cádima). Mais tarde com a segmentação crescente trazida pelo cabo, surgiram canais vocacionados para a produção de conteúdos alternativos ao *main stream*, como documentários ou espectáculos (caso do ARTE, Tv5 ou a nossa RTP 2), que se converteram em importantes produtores de bom cinema e excelente documentário.

Orson Welles chegou a dizer que «na televisão o cinema adquire um valor real, encontra a sua real função» (cf). As tv's passaram a programar «noites de cinema» e a formar gerações de públicos que – como hoje – quase só conhecem os «clássicos» do Cinema através do pequeno ou pequenos écrans, como a da TV, do computador ou do *tablet*.

O Cinema adaptou séries televisivas míticas, como *Star Trek*, *Os Intocáveis*, *O Fugitivo*, *Missão Impossível*, *Sexo e a Cidade* (aqui com resultados deploráveis). E produziu obras notáveis sobre o meio televisivo. **Quiz Show**, de Robert Redford; **Boa Noite, Boa Sorte**, por George Clooney; **Quem Quer Ser um Milionário - Slumdog Millionaire** de Danny Boyle, levou 8 Oscars, entre eles o de Melhor Filme e Melhor Realização; **Rede de Intrigas - Network** pelo grande Sidney Lumet, já em 76 com o Oscar póstumo para Peter Firth, derrotando o favorito Robert DeNiro de *Taxi Driver*); **Truman Show**, o extremo dos reality shows+por Peter Weir); **Frost/Nixon** ; em registo mais levezinho **Nos Bastidores da Notícia - Broadcast News**. uma simpática comédia de James L.Brooks indicada a 7 Oscars) ou o mais alucinado **Videodrome** (de David Cronenberg).

A repulsa dos actores e atrizes em fazer televisão começou a esbater-se quando grandes vedetas da TV migram para o grande écran, com sucesso. São os casos de Bruce Willies (*Moonlight*), Helen Hunt (*Melhor é Impossível*), George Clooney (*ER*), Pierce Brosnan, Will Smith...

Mas sobretudo a TV conhece um momento de autêntico renascimento com as séries dos últimos quinze anos. Em registos tão díspares que vão do velhinho *CSI* e seus múltiplos *spin offs*, a *Sete Palmas Abaixo de Terra* ou *Angels in America*, a qualidade que imprimiu a esta ficção tirou-a claramente da segunda divisão onde muitos ainda a colocavam. Sinais como o de realizadores consagrados começarem a rodar séries para TV foram proféticos indicadores deste caminho. David Lynch com *Twin Peaks*, Steven Spielberg com *Brothers in Arms*, Martin Scorsese com *Boardwalk Empire* ou *Vynil*.

A grande qualidade audiovisual norte-americana está neste momento muito mais na TV que no cinema (condições de produção Hollywood, orçamentos dos *blockbusters* caríssimos e cinicamente projectados para o lucro garantido, sequelas e super-heróis para públicos adolescentes ou embrutecidos). A complexidade dos argumentos das narrativas contínuas em que se transformaram as boas séries, a profundidade da rede de personagens e enredos nos mais variados temas e a contemporaneidade das questões aí desenvolvidas transformaram as séries televisivas em fenómenos culturais de uma abrangência esmagadora. Criaram legiões de **fãs**, autênticos cultos, agradando a públicos transversais, dos intelectuais aos adolescentes, dos *nerds* aos betos... a boa televisão passou a ser considerada tão boa quanto o melhor cinema. Palco para grandes actores oriundos do grande écran (Kevin Spacey) ou do Teatro (Benedict Cumberbach, Eddie Redmayne), a TV está hoje taco a taco com o cinema no que respeita a capacidade de atracção dos profissionais mais reputados da indústria do entretenimento.

O que é excelente porque quem beneficia somos todos nós. O Público.